

PESSOA, CORPO, EMOÇÕES: ETNOGRAFIA AMERÍNDIA E PERSPECTIVAS ANTROPOLÓGICAS

A primeira etapa desta pesquisa visou articular debates atuais no campo da antropologia em torno do corpo e das emoções com etnografias contemporâneas sobre povos ameríndios. O tema da corporalidade e da produção de pessoas tornou-se um objeto privilegiado na etnologia indígena sulamericana desde o final da década de 1970 e mostrou-se muito produtivo na análise de cosmologias e sociologias da região. Paralelamente, na antropologia internacional desenvolveram-se, no mesmo período, novas perspectivas sobre o corpo e a corporalidade ou a corporeidade (embodiment), perspectivas influenciadas principalmente por uma abordagem fenomenológica. No entanto, ao que parece, há ainda pouco diálogo entre os materiais etnográficos sulamericanos e esta bibliografia antropológica, ainda que a etnologia ameríndia tenha efetivamente entrado no debate antropológico internacional a partir dos anos 1990.

Algumas formulações importantes nesse desenvolvimento teórico e metodológico mais amplo da antropologia talvez possam ser traduzidas na ideia da passagem de um corpo-objeto ao corpo-sujeito, no sentido de que menos que experimentar o corpo como objeto, vive-se como corpo. Como diz Thomas Csordas (2008), não temos um corpo, mas “somos um corpo”. Ou seja, corpo se confunde com pessoa, sendo a forma de se estar no mundo. Para Tim Ingold (2000), nosso corpo emergiria da atividade do viver, isto é, o viver afetando o modo como o corpo se constitui. Daí a definição de “habilidades incorporadas” proposta pelo autor. Longe de pensar uma matriz biológica sobre a qual se inscreveriam as diferenças culturais, trata-se de compreender que o organismo humano constitui-se em seu ambiente, sendo fruto desta interação. Um ponto chave destes desenvolvimentos teóricos é, portanto, a afirmação do caráter relacional do corpo. E, nesta direção, Bruno Latour (2004) enfatiza as articulações dos corpos com o mundo. Ao invés de referidos às suas qualidades primárias, corpos seriam aprendizes no mundo, ou seja, “corpos que aprendem a ser afetados” pelo mundo, daí resultando suas habilidades.

O projeto, nesta fase, foi desenvolvido com leituras de artigos acadêmicos sobre abordagens antropológicas do corpo e de etnografias sobre povos indígenas sulamericanos. Com relação aos desenvolvimentos centrais da Etnologia Indígena, foi desenvolvido como ponto de partida uma compreensão em torno da noção de corpo, apresentando como resultados: sua abordagem como “lenta e continuamente fabricado, num fluxo constante que envolve nutrição, abstenção, aplicação de remédios, pintura corporal, rituais de batismo e treinamentos” (Vilaça 2005). Uma primeira questão a ser considerada é a da definição de humanidade. Para os povos amazônicos, a humanidade não é atributo de uma determinada espécie (biológica) nem é uma condição estável. A humanidade precisa ser produzida, o que envolve um trabalho de suspensão da predação, esta última sendo a regra primeira de relação entre sujeitos no cosmo enquanto relação de consumo agressivo. A relacionalidade aqui, então, assume um caráter radical. A posição de sujeito só se define em relação, assim como a própria definição de corpo depende de um olhar alheio (Viveiros de Castro e Taylor, 2003). Um corpo é, assim, sempre função de uma relação entre seres, não necessariamente humanos – no sentido estrito do termo –, ou seja, podendo envolver animais, espíritos, humanos, artefatos etc. É ao se por em relação com outrem que a aparência de um sujeito se revela, e, por outro lado, não é possível que haja relacionsem uma inscrição corporal. Animismo e perspectivismo são assim, aspectos fundamentais das ontologias amazônicas.

Autor: Francklin Batista Pedro
Graduando em Ciências Sociais - UFJF
E-mail: francklinpedro@gmail.com

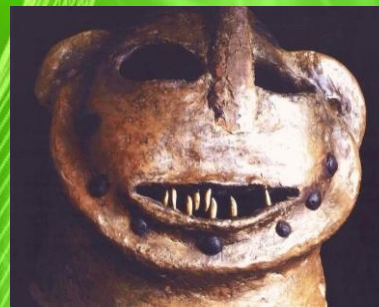
Co-autor: Rafael Siqueira Machado
Discente em Ciências Sociais e-mail: faelborgir@hotmail.com

Orientadora: Profª Drª Elizabeth de Paula Pissolato
Departamento de Ciências Sociais / UFJF E-mail: epissolato@terra.com.br

Família guarani preparando alimento e conversando: a comensalidade e a atenção recíproca são aspectos centrais da produção de pessoas-corpos aparentados entre os ameríndios.



Mulher araweté preparando cauim, bebida que representa relações apropriadas entre humanos.



Máscara piro: figura de predador em que os dentes enfatizam a dimensão da predação alimentar, modo primeiro de relação entre os seres que habitam o cosmos.



Menino kayapó xikrin ornamentado para ritual: elementos nas máscaras e pinturas fundamentais à fabricação

Referência Bibliográfica:

- CSORDAS, Thomas. 2008. “A corporeidade como um paradigma para a Antropologia”. In: **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre, Editora da UFRGS INGOLD, Tim. 2000 [1995-1996]. “Culture, nature, environment: step to an ecology of life”. In: T. INGOLD. **The Perception of the Environment. Essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge. P. 13-26
- LATOUR, Bruno 2004. “How to talk about the body? The normative dimension of science studies”. In: **Body and Society**, 10, 205- 229.
- TAYLOR, Anne-Christine e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2007. “Un corps fait de regards”. In: **Qu'est-ce qu'un corps?**. Paris, Musée du Quai Branly - Flammarion. PP. 149-198.
- VILAÇA, Aparecida 2005. “Chronically unstable bodies. Reflexions on Amazonian corporalities”. **The Journal of the Royal Anthropological Institute** 11 (3):445-464.